

Fonte: DGS (dados revistos em 2010); Análise FPV

ABORTO EM PORTUGAL: FREQUENTE, ILEGAL E INSEGURO

Quatro anos depois, o aborto continua frequente, ilegal e inseguro.

FREQUENTE

Desde Julho de 2007 - o início da aplicação da lei que liberalizou o aborto em Portugal até às 10 semanas – e até ao final de Agosto de 2010, foram realizados **56239** abortos legais por “opção da mulher”, de acordo com os últimos dados disponibilizados pela Direcção-Geral de Saúde (DGS).

Esta tendência colide com as declarações do Coordenador do Programa Nacional de Saúde Reprodutiva (PNSR) que, em Novembro de 2007, considerava a “situação [...] mais ou menos estabilizada” e estava “convicto de que não [iríamos] ultrapassar os dez mil abortos por ano”, números baixos que seriam resultado do bom trabalho realizado nesta área (DN, 2007-11-28); e também com a previsão do director-geral da Saúde que, em Junho de 2008, referia que “apenas se deverão registar 13 mil” abortos legais por opção por ano (DN, 2008-06-21). Na realidade, em 2008 foram registados de acordo com os últimos dados da própria DGS, 18017 abortos legais “por opção”.

LIBERALIZAÇÃO DO ABORTO EM PORTUGAL, 4 ANOS DEPOIS

REPETIDO

A par desta evolução, há uma crescente preocupação com a reincidência do aborto, expressa no número de mulheres que repetem abortos por opção. De acordo com dados da DGS, 21% dos abortos legais por opção em 2009 foram realizados por mulheres que já tinham abortado antes, e 2% tinham-no feito no ano anterior.

Esta preocupação é também partilhada por vários médicos que, em 2007, deram a cara no movimento pelo Sim à liberalização do aborto. Pedro Canas Mendes, do Hospital Particular de Almada, refere que “as mulheres já começam a ver a interrupção da gravidez como um método de planeamento familiar [...], como algo inócuo, sem consequências [...] já se banalizou a situação” (DN, 2010-02-10). Miguel Oliveira da Silva, presidente do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida diz ao DN 2010-02-10 “acho que devia haver um limite de abortos gratuitos. O aborto recorrente está a tornar-se um grande problema de saúde pública”. Jorge Branco, coordenador do

Neste número:

- ✓ Aborto frequente
- ✓ e repetido
- ✓ Era uma vez...
- ✓ Aborto ilegal
- ✓ e inseguro
- ✓ Uma solução imposta...

PNSR e director da Maternidade Alfredo da Costa, chega mesmo a referir que “é incrível a desresponsabilização de alguns casais” (DN, 2010-02-10). Luís Graça, director do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Santa Maria falando ao Público em 2009-07-15 propõe a solução inglesa em que o segundo aborto é pago.

Era uma vez... a Ana que grávida de 10 semanas ligou para uma linha SOS Grávida à procura da “injecção” para fazer o aborto. Nesse dia duas incautas e inexperientes desconhecidas ofereceram-se para a levar ao ginecologista que lhe fez a ecografia e a acompanharam em mais 7 consultas mensais. O David nasceu numa aldeia onde, desde há 5 anos, nenhuma outra criança tinha nascido.

Felizmente que muitas são as histórias da Ana e do David (Da Vida). Muitas outras irão por certo surgir da solidariedade e generosidade de um Povo que tem uma História de luta pelos Direitos Humanos.

(continua)

ILEGAL

A persistência do aborto clandestino em Portugal, é corroborada pelos últimos dados publicados pela DGS sobre complicações graves associadas a abortos fora do quadro legal que apontam para entrada nos hospitais de 23 casos de infecção / sepsis e 3 casos de perfuração do útero ou de outro órgão.

Vários dos actores envolvidos na promoção do aborto legal por opção reconhecem esta situação, desde a directora da clínica dos Arcos, Yolanda Hernandez, ao director executivo da APF, Duarte Vilar.

Também a classe médica tem dado um sinal claro sobre a sua abordagem a esta lei, com cerca de 75% a 80% dos médicos obstetras a declararem-se objectores de consciência, de acordo com Miguel Oliveira da Silva em entrevista ao Público (2010-06-27), que também aí refere outros aspectos negativos e preocupantes em resultado da aplicação prática da lei.

INSEGURO

Também no aborto legal por opção, existem complicações graves que colocam em risco a mulher, como confirmam os últimos dados publicados pela DGS, que em 2008, referem 5 registos de infecção grave / sepsis e 2 casos de perfuração do útero ou de outro órgão em abortos legais por “opção da mulher”. Estes números contrastam com os de 2003 a 2005 anos em que, segundo a DGS, não houve qualquer entrada no hospital resultado de complicações com abortos ilegais relacionadas com a perfuração do útero ou de outro órgão.

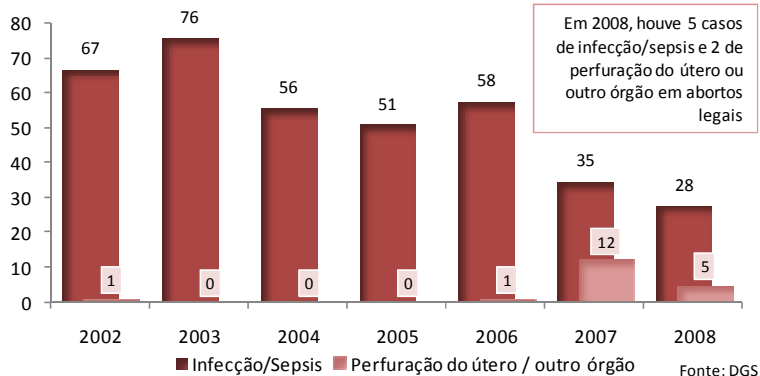
UMA SOLUÇÃO IMPOSTA....

A liberalização do aborto abriu espaço para a legitimação/banalização de um novo conjunto de pressões sobre as grávidas, muitas vezes da família, do pai do bebé e da sua envolvente, por exemplo, os empregadores. Muitas mulheres acabam, assim, por abortar contra a sua vontade.

Os dados de um estudo realizado em Espanha sobre a gravidez nas jovens e adolescentes, abrangendo 3000 mulheres que já tinham realizado um aborto, referem que em 60% dos casos, a chantagem emocional exercida pelo pai do bebé sobre a mãe foi uma das principais razões que levou à opção pelo aborto. No caso das mulheres trabalhadoras, 70% apontaram a pressão laboral como um dos principais factores que as levou ao aborto.

Testemunhos destes casos surgem como pungentes pedidos de ajuda a coberto da aparente segurança anónima da blogosfera.

Registo de atendimento por complicações graves relacionadas com o aborto legal e ilegal



Era uma vez... uma lei que prometeu apoiar, dignificar e libertar as mulheres, porque lhes dava o aborto “legal, seguro e raro”.

Passados 4 anos os números oficiais estão à vista. Basta ver o crescimento do número de abortos praticados, mulheres pressionadas para abortar por companheiros e patrões e a repetição de aborto como prática instalada e até o número de complicações médicas aumentou. Isto é, o aborto em vez de raro é frequente, em vez de seguro, continua a vitimar mulheres e bebés, e prolifera na ilegalidade.

Num tempo em que os custos públicos têm de ser especialmente acautelados – Portugal já terá gasto com a prática do aborto perto de €100.000.000 (pagos pelos impostos de quem trabalha). Por ano gastar-se-á mais de €27.000.000 com o aborto legal.

Era uma vez... um Estado Social que em vez de promover a maternidade e a vida, gasta milhões a destruir. Em vez de apoiar as famílias no seu mais nobre papel de criar e educar, gasta milhões, que retira aos bolsos dos contribuintes, para sustentar uma indústria que se diz “médica”, mas que de clínica nada tem.

Era uma vez... uma Sociedade que soube fazer um nobre caminho na defesa dos Direitos Humanos mas que no século XXI vai paulatinamente negando esta Civilização, deixando os mais fracos e carenciados abandonados à sua sorte. Vemos, ouvimos e lemos não podemos ignorar.

Era uma vez...

Isilda Pegado

Presidente Federação Portuguesa pela Vida